Dia da Mulher: "Para casar tive de pedir autorização ao Ministério"

Publicado em 08 Março 2016 às 9:10 am. Tags: dia da mulher, educação, igualdade, preconceitos, Professora

Maria Laura Moreira decidiu ter uma profissão numa altura em que a vida das mulheres se fazia sem essa dimensão. Hoje com 89 anos, esta professora primária aposentada recorda os preconceitos que teve de derrubar e as discriminações com que foi obrigada a viver.

Com o passar dos anos há obstáculos que foram derrubados, mas continua a encontrar sentido para o combate pela igualdade de género, como o do Movimento Democrático de Mulheres (MDM) que chegou a integrar.

No Dia Internacional da Mulher o REGIÃO DE LEIRIA recupera na íntegra a conversa que travou em janeiro com Maria Laura Moreira, a propósito da tertúlia "A minha vida no trabalho enquanto mulher", promovida pelo núcleo de Leiria do MDM.

Fomos ao seu encontro na Maceira, onde reside e onde foi professora primária.

Porque é que decidiu estudar e trabalhar numa altura em que as mulheres eram "formadas" para estarem casa?
Desde criança que dizia que queria ser professora. Tive sempre uma adoração pelas minhas professoras e dizia sempre que queria ser professora. Tirei o curso seguidinho, fiz a quarta classe, a admissão ao liceu, os dois anos do Magistério e aos 19 estava a trabalhar, em solteira. Depois casei e o marido não queria que eu fosse trabalhar mas o meu pai dizia: "Então andámos a fazer sacrifícios para tu estudares e agora estás de volta das panelas". Não era muito apologista de eu ficar em casa. Para mim trabalhar era um prazer.

Sendo professora primária o que teve de fazer para casar?
Não tive que pedir autorização aos pais porque já tinha 23 anos, mas tive de pedir autorização ao Ministério e veio publicado no Diário do Governo. Tinha de mostrar documentos em como o noivo ganhava mais do que eu. Apresentei a documentação e depois lá veio a autorização no Diário do Governo. O meu marido era engenheiro técnico.

Nunca esteve sem trabalhar então?
No primeiro ano de casada o marido não queria que trabalhasse. Depois estive em Moçambique quatro anos e também dei aulas a adultos e na escola oficial.

Quais eram os argumentos que o seu marido apresentava para não querer que trabalhasse?
Era para não andar por aqui e por acolá, se calhar perdia a cabeça, não sei (risos). Depois como viu que aquele dinheirinho fazia jeito, lá me deixou ir trabalhar.

O contexto familiar é determinante para os passos que deu na vida familiar e na vida profissional. Se os seus pais não a incentivassem...
No meu caso foi determinante, os meus pais até pressionaram um bocadinho o meu marido para ele consentir que eu fosse dar aulas. O lugar da mulher era em casa.

Já a trabalhar, onde sentiu que havia discriminação entre homens e mulheres?
Nos concursos. Se houvesse uma escola vaga, concorria quem queria. Se houvesse um professor que concorresse a uma escola masculina com 10 valores e eu tivesse 15, ele tinha prioridade. Nem que eu tivesse 20 ele tinha prioridade.

E se fosse uma escola feminina?
Já não acontecia isso. As aulas eram separadas.

No exercício da sua profissão há outros aspetos em que havia discriminação?
Nos dois meses e meio de férias não ganhávamos. Eu era agregada, não estava efetiva numa escola. Havia poucas escolas a concurso. Fora dos grandes meios, tínhamos os quatro anos de escolaridade. Cheguei a estar em escolas em que estávamos em desdobramento. De manhã estava a professora das meninas e à uma hora entrava eu para dar aulas aos rapazes. Não se juntavam era um perigo. Não ganhávamos nas férias, na maternidade não ganhávamos, estávamos um mês em casa. Não contava o tempo de serviço. Depois do 25 de Abril, é que esse tempo foi contado.

Recorda-se quando entrou para o MDM?
Já foi depois do 25 de Abril, mas a minha professora de instrução primária já pertencia ao MDM. Eu gostava muito dela.

Que questões estavam em discussão?
Questões do trabalho e os problemas que ainda hoje existem. Conciliar trabalho e família e a violência doméstica. A mulher em casa não podia levantar a voz, era uma criada, era só para trabalhar.

Hoje é uma criada encapotada?
Continuamos a ser, mas os maridos hoje já fazem qualquer coisinha, ajudam – detesto este termo.

Continua a encontrar sentido para o MDM?
Sim, senhor, tenho pena é de já não ter genica. A minha professora primária dizia "nunca deixem de trabalhar". Nunca mais me esqueci disso.

Para si trabalhar era importante porquê?
Era uma coisa que eu gostava de fazer. Não havia escolas infantis e eu adorava quando entrava uma criança na escola sem saber pegar num lápis, sem saber as cores, o a-e-i-o-u, o grande e o pequeno, o gordo e o magro, era como se entrasse na minha escola uma pedra e eu fosse burilá-la e fazer dali uma obra de arte. Adorava quando chegava ao fim do primeiro ano e já sabiam escrever e ler umas coisitas. Era uma glória que não faz ideia. Não era pela autonomia financeira. Era ver aquela flor desabrochar.

Maria Laura Moreira, de 89 anos, fala da sua luta contra o preconceito e das desigualdades no ensino

Patrícia Duarte
partricia.duarte@regiaodeleiria.pt

Tweet

Outras notícias que lhe podem interessar:

1. **Roteiro das comemorações do Dia Internacional da Mulher**
2. **Aluna do CLIC Marinha Grande premiada por universidade britânica**
3. **Diretores das escolas de Leiria pedem reforço da Escola Segura**
4. **Fruta na Escola já distribuiu mais de 150 mil peças de fruta em Porto de Mós**
5. **Nós na Escola: Colégio de São Miguel (vídeo)**

Comentários (2)

Share

[redacted] · *há 38 semanas* 0

A minha professora primária, D. Laura... Que saudades daquele tempo e do que aprendemos com ela... muito mais do que a ler e a escrever, ensinou-nos a pensar e a questionar tudo... só assim podemos crescer! Foi minha professora de 1980-1981 (1ª classe) até 1983-1984 (4ª classe) na Maceira. Um grande beijinho para ela! [redacted]

Responder Denunciar

[redacted] · *há 29 semanas* 0

Olá D. Laura, um beijinho para si

A sua reportagem transmite bem o bafio da época. Se bem me lembro ....

[redacted]

Responder Denunciar

Pergunta da Semana

O financiamento dos hospitais e centros de saúde deveria ter em consideração os resultados dos tratamentos efetuados aos pacientes, como acontece em alguns países?

Sim
Não

Vote
Ver os resultados

assine o REGIÃO DE LEIRIA digital
15 euros/ano

Assinatura Digital

Iniciar sessão

Escreva-nos

Nome:
E-Mail: *
Assunto:
Mensagem: *

Não sou um robô
reCAPTCHA
Privacidade - Termos de Utilização

Enviar mensagem!

Todos os campos marcados com * são obrigatórios.

foxyform

[redacted]

Região de Leiria
13 h

Plantel sénior do GRAP/Pousos é a equipa com mais golos marcados em todas as provas do escalão da Associação de Futebol de Leiria (AFLeiria), mesmo tendo folgado uma jornada. Têm 56 golos marcados em oito jogos e apenas oito sofridos.

Top Últimas Comentários Receber

Guia de festas, festivais e petiscos

Oxigénio: pedestres, corridas, trail e BTT na região

Tempo

AULA FITDANCE
2ª e 5ª às 20h30
Atreve-te e vem experimentar!
JUVE GINÁSIO

Falamos de:

acidente Alcobaça ambiente ansião batalha